

VIEIRA, Vanrochris Helbert. Aniversário do Bharbixas no Mineirão: experiência, futebol *gay*, mercado e direito à cidade. **Sociabilidades Urbanas**, Revista de Antropologia e Sociologia, v. 5, n. 13, pp. 125-136, março de 2021, ISSN 2526-4702.

ARTIGO

<https://grem-grei.org/numero-actual-socurbs/>

Aniversário do Bharbixas no Mineirão: experiência, futebol *gay*, mercado e direito à cidade

Bharbixas's anniversary at Mineirão: experience, gay soccer, market and the right to the city

*Vanrochris Helbert Vieira**

Resumo: O Bharbixas é a primeira equipe de futebol masculino composta apenas por *gays* e homens bissexuais em Minas Gerais. Em 2018, o time comemorou seu primeiro aniversário no Mineirão, principal estádio esportivo do estado. Este artigo apresenta uma etnografia realizada no evento, a partir do acompanhamento de Ângelo, um jogador *gay* de Belo Horizonte. Buscamos refletir a respeito do tipo de experiência possibilitada pelo evento, o que algumas falas de Ângelo permitem pensar sobre o futebol *gay*, como o evento se inseriu numa lógica de mercado e o que essa ocupação do Mineirão por um time *gay* aponta sobre a temática do direito à cidade. O evento foi restrito a um público pagante, numa lógica mais mercadológica do que democrática, mas revela uma grande potência para reconfigurações de subjetividades e direitos de pessoas LGBTQIAP+. **Palavras-chave:** futebol *gay*, Belo Horizonte, direito à cidade

Abstract: Bharbixas is the first men's soccer team composed exclusively of gays and bisexual men in Minas Gerais. In 2018, the team celebrated its first anniversary at Mineirão, the state's premier sports stadium. This article presents an ethnography held at the event, from the accompaniment of Ângelo, a gay player from Belo Horizonte. We sought to reflect on the type of experience made possible by the event, how some speeches from Ângelo allow us to think about gay football, how the event was inserted in market logic and what this occupation of Mineirão by a gay team points to the theme of the right to the city. The event was restricted to a paying audience, in a more market-oriented than democratic logic, but reveals a great power for reconfigurations of subjectivities and rights of LGBTQIAP+ people. **Keywords:** gay soccer, Belo Horizonte, right to the city

Introdução

No dia 09 de junho de 2018, um sábado, o time de futebol Bharbixas comemorou seu aniversário de um ano no estádio Mineirão, em Belo Horizonte. O Bharbixas é primeira equipe masculina composta exclusivamente por *gays* e bissexuais em Minas Gerais, de forma que o evento também demarcou o primeiro ano de existência do “futebol *gay*” no estado. A grandiosidade do evento, ocupando a principal arena do esporte em Minas Gerais, evidencia a rápida ascensão desse novo circuito do esporte no país.

* Doutorando no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (Ppgich/Ufsc).

A partir da dinâmica da etnografia multissituada (MARCUS, 2001), com a estratégia de seguir biografias, fui ao evento acompanhado de Ângelo – ex-membro do Bhabixas e membro-fundador de outro time *gay*, o ManoTauros – a fim de exercer uma entrada em campo (no sentido metodológico e futebolístico) vinculada à experiência de um jogador de futebol *gay* de Belo Horizonte¹. Antes de irmos juntos ao estádio, passei na casa dele para nos encontrarmos, e tive a oportunidade de conversar com ele a respeito do evento e também do futebol *gay* de forma mais ampla.

Em comemoração ao seu aniversário, o Bhabixas realizou um jogo contra membros de diversas equipes de futebol *gay* brasileiras convidadas, referenciados como seleção da LiGay (liga brasileira de times *gays*). Jogadores de diversos outros estados foram mobilizados, o que fez do aniversário do Bhabixas um evento nacional. Segundo Ângelo, o Mineirão ofereceu-se para sediar um jogo da equipe depois que ela ganhou a Primeira Champions LiGay (campeonato nacional de times *gays*), em 2017. Na época, Ângelo ainda era membro do Bhabixas. O time, porém, pediu para que o evento fosse realizado no seu primeiro aniversário, no ano seguinte. Ângelo não jogou, porque houve um sorteio no ManoTauros para decidir quais membros do time iriam participar do amistoso. Depois do jogo, o evento também contou com uma festa com diversos *shows* no estádio.

Nas seções a seguir, falaremos sobre o tipo de experiência possibilitado pelo evento, sobre o futebol *gay*, sobre como o evento se inseriu numa lógica de mercado e sobre o que ele nos permite pensar sobre o direito de *gays* aos estádios.

Experiência

O aniversário do Bhabixas no Mineirão representa uma importante ocupação da cidade, na medida em que ocorreu no principal estádio de futebol da capital mineira, espaço de destaque e elevado poder simbólico no contexto belorizontino. Entretanto, a estrutura do Mineirão isola seu interior do restante da cidade, criando uma redoma de proteção e um mundo paralelo. Que tipo de experiência da cidade é possível em um evento como esse?

Georg Simmel (2005) e Walter Benjamin (1989) nos apresentam caracterizações de experiências distintas, se não contrárias, nas grandes cidades: a do *blasé* e a do *flâneur*. Georg Simmel (2005) caracteriza o morador das grandes cidades como alguém que é constantemente bombardeado por uma diversidade de estímulos. Por não conseguir dar respostas adequadas a todos eles, o habitante das grandes cidades adquire um caráter *blasé*, que faz com ele se volte para seu mundo interior. Belo Horizonte é uma cidade com 2,5 milhões de habitantes. A população da região metropolitana chega a 5,9 milhões. Uma das experiências mais características da vida belorizontina é andar pela Praça Sete, no Centro da cidade, em meio a uma multidão de pessoas que vêm de todos os lados (o local é cruzamento de quatro vias, sendo duas delas avenidas que cortam a cidade do Centro até uma de suas extremidades). A Praça é um espaço de múltiplos estímulos. São vendedores ambulantes, pedestres de todos os estilos, carros, ônibus. Mas quem passa pelo local diariamente flui por ali como se quase nada estivesse acontecendo, o que representa bem que os belorizontinos apresentam o que Georg Simmel (2005) aponta como o caráter *blasé*.

Walter Benjamin (1989), por outro lado, traz a figura baudelairiana do *flâneur*. Esse curioso sujeito vivencia a grande cidade de forma diferente de sua lógica de produtividade. O *flâneur* se permite ser afetado pelos estímulos da grande cidade,

¹ Os nomes de jogadores presentes no texto são pseudônimos utilizados com o intuito de resguardar suas identidades.

estranhando-a, observando-a a seu próprio tempo. Ele deixa-se vagar devagar e divagar. O *flâneur* lembra a figura do antropólogo: alguém que para, a fim de prestar atenção nos mínimos detalhes e nas coisas aparentemente sem importância. No contexto protegido e apartado do estádio, por se voltar para fora da cidade (mesmo estando dentro dela), os sujeitos presentes no aniversário do Bhabixas estavam protegidos dos demais impulsos da capital mineira. Ademais, o evento em questão configurou-se como um grande acontecimento, algo que, portanto, convoca a atenção.

O número de pessoas também foi mais restrito nessa experiência, e as pessoas pertenciam a uma mesma comunidade. Entretanto, ainda assim, o tempo era pouco para interagir com todas elas, e o contato se dava com todas ao mesmo tempo. Walter Benjamin (1989) e Georg Simmel (2005) apontam para a centralidade do tema da multidão para o entendimento das grandes cidades. Georg Simmel (2005) argumenta que, se o habitante da cidade grande buscasse ao menos cumprimentar todas as pessoas que estão ao seu redor durante o dia, ele sequer conseguiria. Esse fator combinado à desconfiança que as pessoas têm umas em relação às outras nesse ambiente faz com que, como nos lembra o autor, muitas vezes sequer conheçamos nossos vizinhos. A pequena multidão que havia no estádio era segura, controlada, de pessoas de uma mesma comunidade, o que diminuía a insegurança do convívio.

De fato, o aniversário do Bhabixas foi um momento de suspensão. O universo que existia ali era controlado não só pela presença de um público quase exclusivamente LGBTQIAP+², mas também pelo acesso restrito pela compra de ingressos e ainda pela segurança, tendo em vista que todos haviam sido revistados na entrada. Ali, aqueles sujeitos podiam ser eles mesmos de uma maneira mais intensa do que a que acontece do lado de fora. O fato de estarem entregues ao momento, sem a correria cotidiana, permitiu uma sociabilidade mais calma. Naquele espaço, além de olhar para seu redor com mais tranquilidade, os sujeitos podiam também olhar com mais calma para si mesmos, à medida que viam a si mesmos nos outros.

Talvez resida aí um dos traços mais importantes de uma sociabilidade suspensa e segura da cidade por meio não apenas de um único indivíduo, mas de um grupo historicamente marginalizado. Os que foram apenas para os *shows* após o jogo, talvez tenham experienciado algo similar à vivência das baladas, mas os que foram para o jogo, puderam ver-se e ver aos outros como *gays* que gostam de futebol e que tem o direito de ocuparem aquele espaço.

Futebol Gay

Para Gustavo Bandeira e Fernando Seffner (2013), os estádios de futebol – como o Mineirão – são espaços de sociabilidade muito ligados à construção das masculinidades em nosso país:

O estádio de futebol é um contexto cultural específico que institucionaliza práticas, ensina, produz e representa masculinidades. Os modos de construção das masculinidades no Brasil guardam íntima conexão com o futebol (BANDEIRA; SEFFNER, 2013, p. 247).

Os autores ressaltam que a masculinidade ligada a esse esporte é machista e homofóbica, havendo uma naturalização da homofobia, não sendo ela vista como violenta nesses ambientes.

² Lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, *queers*, intersexuais, assexuais, pansexuais e demais identidades e expressões não cisheteronormativas.

Gustavo Bandeira e Fernando Seffner (2013) explicam que a afirmação da masculinidade liga-se à rivalidade no futebol, de modo que a tensão entre identidade e diferença gera um par binário em que nós (a torcida de um time) somos machos e os outros (a torcida adversária) são “viados”. Cânticos são entoados pela torcida se referindo aos torcedores adversários em situação de passividade no ato sexual com outros homens. Como exemplo, os autores citam um cântico que as torcidas do Grêmio e do Internacional, times rivais do Rio Grande do Sul, cantam uma para a outra: *Atirei o pau no Inter (Grêmio) / E mandei tomar no cu / Macacada (Gremista) filha da puta / Chupa rola e dá o cu / Ei, Inter (Grêmio), vai tomar no cu / Olê, Grêmio (Inter), olê Grêmio (Inter)*. Para os autores, esses “insultos” ligam-se à negação do espaço para gays no futebol, tanto nos times, quanto na torcida. Especialmente para gays passivos ou afeminados, já que, na hierarquia das masculinidades, esses ocupam os lugares mais subalternos.

No dia do aniversário do Bhabixas, Ângelo me contou que ele e seu companheiro Edson desenvolvem um trabalho de conscientização com os demais membros do time *gay* do quão são membros, o ManoTauros. Os dois buscam conscientizar os demais sobre o uso de termos e expressões consideradas homofóbicas ou machistas. O depoimento de Ângelo mostra o enraizamento da cultura da LGBTQIAPfobia nesse esporte, que é reproduzida de maneira acrítica até mesmo por jogadores *gays*. Ângelo apontou os termos “mariais” e “frangas”, usados pelos torcedores dos times mineiros para provocar os rivais – os cruzeirenses sendo chamados pelo primeiro apelido, e os atleticanos pelo segundo. Apontou também o uso da expressão “joga igual homem” e contou de uma vez em que um dos membros do ManoTauros disse para outro: “Não tá aguentando, vai fazer balé!”. Ângelo me mostrou um áudio de um dos jogadores do time defendendo que o uso dessas palavras e expressões faz parte da “cultura do futebol” e não têm nada a ver com machismo ou homofobia. Ele riu contando que esse jogador ainda tentou se defender perguntando se a provocação “franga” seria, então, preconceito contra as frangas (animais). Ângelo falou também das provocações com pó de arroz e de quando a torcida grita “bicha” para o goleiro na hora do tiro de meta. Mas disse que isso vem mudando aos poucos, e que, tirando a torcida organizada, quase ninguém grita mais isso, e grande parte das pessoas ficam constrangidas quando isso acontece.

Segundo Gustavo Bandeira e Fernando Seffner (2013), um movimento de defesa do respeito à diversidade sexual por parte de torcedores nas mídias sociais surgiu com a criação, em 2013, da *fanpage* Galo Queer, por uma torcedora do Atlético Mineiro. Flávio Amaral e Victor Bueno (2018), por sua vez, destacam a criação de diversos times de futebol *gay* no país a partir de 2017, ano em que também foi criada a LiGay, liga nacional de times de futebol *gay*. Nesse mesmo ano, ocorreram as primeiras competições nacionais: a Taça Hornet – desenvolvida pelo aplicativo Hornet, de encontros voltado para o público *gay* – e a Champions LiGay, campeonato oficial promovido pela liga supracitada. Antes de 2017, já existiam times de futebol *gay* no país, como o Magia, do Rio Grande do Sul, fundado em 2005. Mas em 2017, segundo Flávio Amaral e Victor Bueno (2018), a formação do BeesCats, primeiro time *gay* do Rio de Janeiro, popularizou a modalidade, impulsionando a criação de times pelas demais capitais do centro-sul. Flávio Amaral e Victor Bueno (2018) destacam o quanto o surgimento desses times e competições chamou a atenção das mídias.

Foi também em 2017 que surgiu o Bhabixas, em Belo Horizonte. O time foi vencedor da primeira Champions LiGay, em 2017. Flávio Amaral e Victor Bueno (2018) fazem uma análise da cobertura do evento pelo portal do Globo Esporte, destacando como a matéria que traçou o perfil da equipe campeã frisa sua militância e sua

performatividade de gênero, chamando o time de “equipe afeminada”. A matéria destaca como os *gays* afeminados enfrentam preconceito dentro da própria comunidade LGBTQIAP+. Flávio Amaral e Victor Bueno (2018) afirmam que, na matéria, um dos jogadores do Bharbixas “retrata a superação em seu depoimento afirmando que, com o título, a equipe provara que afeminados também sabem jogar” (AMARAL; BUENO, 2018, p. 261).

Segundo Flávio Amaral e Victor Bueno (2018), diversos jogadores de futebol *gay* relatam terem sofrido *bullying* na escola durante os jogos de futebol por sua orientação sexual ou expressão de gênero. As trajetórias compartilhadas incluem serem escolhidos por último, ficarem deslocados e criarem um bloqueio pelo esporte. Por outro lado, os autores sugerem que o futebol *gay* tem ajudado alguns jogadores a aceitarem melhor sua sexualidade.

Mas Ângelo tem uma trajetória diferente das retratadas por Flávio Amaral e Victor Bueno (2018). Ele me afirmou que todos sempre souberam que ele é *gay*, e nunca tiveram preconceito contra ele. Ângelo disse que se questiona se o preconceito é pelo jogador ser afeminado ou por ser “ruim de bola”. Ele citou um jogador do Bharbixas que, para ele, é afeminado, “bom de bola” e é respeitado. Mas se lembrou de um jogador de São Paulo, que não é afeminado e teria dito em uma entrevista que ele assistiu que já sofreu preconceito. Depois de refletir sobre o que ele mesmo havia dito, Ângelo reformulou que acha que o preconceito está dividido em torno dos dois fatores: a expressão de gênero³ do jogador e se ele joga bem ou não. Ele disse que acredita não ter sofrido preconceito tanto por ser considerado masculino, quanto por jogar bem, e acha que, se ele não jogasse bem, abriria mais espaço para preconceito. Mas ele disse achar ainda que, quando o jogador é mais afeminado, ele é mais respeitado se jogar bem. Ângelo concluiu que, para ele, portanto, “nunca é uma coisa só”.

Ângelo me contou de várias situações que considera engraçadas de quando jogou em “times héteros”. Uma vez, estavam brincando de “piruzinho”, e um jogador disse que seria injusto, porque nesse jogo Ângelo levaria vantagem. Em outra ocasião, ele não estava concordando que determinado lance era escanteio, e pediram para ele “assumir” (que era escanteio). Então, ele brincou: “Eu já assumi há doze anos!”. Segundo ele, todos sempre riram das brincadeiras dele, e ele também das brincadeiras dos outros. Ele disse que tinha medo de os colegas se comportarem de maneira diferente no vestiário depois que ele se assumisse, mas, segundo ele, todos agiam com naturalidade e brincavam com ele. Ângelo conta que alguns esbarravam de propósito o “pinto” na parte de trás da cabeça dele, quando ele estava sentado no vestiário, para provocá-lo, em tom de brincadeira. Todos ficavam pelados na frente dele sem reservas. Já nos times *gays*, segundo ele, as pessoas têm mais reservas e não ficam peladas uma na frente da outra.

Ele contou também que o ManoTauros ganhou um jogo contra um “time hétero”, que ficou “puto” com a derrota. Algumas pessoas acharam que tinha sido por preconceito de perder para um time *gay*, mas Ângelo acha que isso é ver preconceito onde não tem, e que o motivo de terem ficado com raiva foi simplesmente por terem perdido. Ele contou rindo que o time marcou uma revanche, e que as namoradas foram assistir, mas eles perderam novamente por um placar ainda mais alto.

Ângelo disse que tem muito “viado com filho” no ManoTauros, e que são os “mais afeminados”. Ele defendeu que não dá para definir *gays*, da mesma maneira que não dá para definir héteros, porque são muito diversos, e não tem como padronizar. Mas

³ Ângelo é historiador, e conhece bem termos ligados aos estudos de gênero, inclusive fazendo referência a Judith Butler em algumas de suas falas.

Ângelo diz que o padrão cobrado dos membros do Bharbixas é serem “mega viados”. Ele acredita que os membros fazem questão disso, porém, para ele, algumas coisas mais reforçam os preconceitos do que ajudam a combatê-los, como as poses para fotos “virando a bunda” para a câmera, que ele considera vulgar. Ângelo afirmou que existem normas que policiam como os *gays* devem ser. Ele diz que não sabia quem era RuPaul⁴ quando estava no Bharbixas, e achavam que ele tinha que de saber por ser *gay*. Uma vez, fizeram um “teste” para ver *se* ele era *gay*, perguntando sobre Kim Kardashian⁵, que ele também não conhecia. Ele disse que também foge desse padrão esperado por não gostar de Anitta⁶. Uma vez pediu que fossem tocadas outros tipos de música durante uma competição, ainda que fosse uma do Ramones para cada dez, por exemplo, e que o restante continuasse sendo no estilo das da Anitta. Segundo ele, disseram que não, porque aquele era um lugar *gay*.

Flávio Amaral e Victor Bueno (2018) destacam que o clima das partidas de futebol *gay* é ao mesmo tempo de competição, de festa e de luta contra o preconceito. Eles explicam que os treinos costumam acontecer ao som de DJs, e que, nas competições, os jogadores se dividem entre jogar bola e *dar pinta*, ou seja, performar propositalmente uma expressão de gênero que enfatiza uma sexualidade *queer*. Para Ângelo, no evento de aniversário dos Bharbixas, no Mineirão, o futebol era a última preocupação. Ele contou que no *flyer* da Taça Hornet, a festa era muito mais destacada do que o próprio campeonato. Segundo ele, nessa competição, por ter um caráter mais lúdico, queriam colocar *lip-sync*⁷ no lugar de pênaltis, no desempate. Ele teve que pesquisar no Google para entender o que era isso. Ângelo disse que, para ele, a maior briga não é com os héteros, mas entre eles mesmos: “Provar pra gente mesmo que futebol também é pra *gay*”. Com isso, ele apresenta uma visão mais estrita do futebol, vendo-o essencialmente como um esporte competitivo, antes de qualquer outra coisa.

Segundo Ângelo, os membros do ManoTauros são muito torcedores dos times e campeonatos profissionais, e os do Bharbixas não são. Ele acredita que, no Bharbixas, os únicos que dão foco tanto no futebol quanto no “*close*” – o que Flávio Amaral e Victor Bueno (2018) chamam de “*dar pinta*” – são o fundador do time e um membro que já foi jogador profissional. Ângelo acredita que, na Primeira Champion LiGay preferiram deixá-lo de fora em alguns jogos para colocar um jogador que tivesse mais o perfil do “*close*”. Ele disse que identifica duas linhas de times, que por enquanto conversam bem uma com as outra, mas que tenderiam a se distanciar: a dos times que dão foco na festa e os que dão foco no futebol. Mas ele explicou que os times que dão “*close*” também podem ser competitivos, como é o caso do Bharbixas. Portanto, a oposição seria entre os que entendem que é só futebol e os que entendem que é “outra coisa”.

Mercado

⁴ *Drag queen* estadunidense conhecida por apresentar o *reality show* RuPaul’s Drag Race, uma competição para escolher a melhor *drag* entre as concorrentes.

⁵ *Socialite* estadunidense conhecida por estrear um *reality show* que acompanha o dia a dia de sua família, o *Keeping Up with the Kardashians*.

⁶ Ou pelo menos fugia ao padrão por esse motivo naquele momento, pois Anitta passou a ser desafeto de parte do público *gay* a partir das eleições presidenciais de 2017, por seu baixo engajamento nas campanhas contra o candidato Jair Bolsonaro, cobrado dela por essa parcela do seu público.

⁷ Mover os lábios enquanto uma música está tocando, fingindo que é quem está cantando. É uma parte central da cultura *drag*. São as batalhas de *lip-sync* quem decidem as eliminações em RuPaul’s Drag Race.

Quem quisesse participar do aniversário de um ano do Bharbixas no Mineirão, precisava adquirir um ingresso, que já estava sendo vendido antecipadamente pela Internet. Apenas um setor da arquibancada estava fechado para o evento, mas ainda assim aparentava estar bastante vazio, o que mostra que a ocupação do Mineirão seguiu uma lógica mais mercadológica do que democrática, não sendo para todos e quaisquer *gays*. Mais para o final do jogo, perguntei para Ângelo e um colega dele quantas pessoas eles achavam que estavam lá. Eles chutaram em torno de quinhentas pessoas, mas eu diria que não passava de quatrocentas pessoas na arquibancada, talvez chegando a quinhentas contando os jogadores e as pessoas que estavam nos bastidores naquele momento. No entanto, mais para o início dos *shows*, foi chegando mais gente, de forma que o espaço em volta do palco foi enchendo cada vez mais, evidenciando um interesse de uma parcela do público apenas nessa parte do evento.

Havia dois telões, um de cada lado do estádio, passando a marca do Bharbixas e dos patrocinadores. Nos bastidores, além de locais para comprar cerveja, estavam sendo vendidas as camisas de uniforme do time em um *stand*. O Bharbixas estreou um uniforme novo no evento e mandou produzir um uniforme específico para os visitantes. Estavam à venda tanto a camisa do time que havia sido lançada naquele dia, quanto o uniforme anterior.

Quando o primeiro *show* já havia começado, os membros do Bharbixas ainda não haviam aparecido na festa. Segundo Ângelo, eles estavam tentando resolver um problema relacionado ao *show* de Aretuza Lovi, uma das atrações mais esperadas da noite, ao lado de Mulher Pepita⁸. Supostamente, o *show* de Aretuza teria sido cancelado porque o time não teria conseguido verba suficiente para pagar o cachê da cantora, mas nas *stories* do Instagram, ela afirmou que não havia podido ir ao evento por causa de um problema no transporte aéreo. Qualquer que tenha sido o motivo houve uma necessidade de gerenciamento de crise naquele momento por parte dos membros do time que organizavam o evento, uma vez que um dos *shows* mais importantes da noite estava sendo cancelado.

Georg Simmel (2005) aponta algo que vai ao encontro das lógicas que perpassaram o aniversário do Bharbixas no Mineirão. O autor defende que, nas grandes cidades, as relações se encobrem de um caráter mercantil: “as grandes cidades sempre foram o lugar da economia monetária, porque a multiplicidade e concentração da troca econômica dão ao meio de troca uma importância que não existiria na escassez da troca no campo” (SIMMEL, 2005, p. 578). Assim, as pessoas são convertidas, através de uma abstração, em quantias, e o “quem” torna-se “quanto”. Nesse processo, as relações também são perpassadas pelas lógicas de oferta e procura, de modo que “aquele que oferece precisa tratar de criar necessidades sempre novas naqueles que corteja” (SIMMEL, 2005, p. 587).

De forma fortuita para pensar nosso objeto de pesquisa, já que o jogo foi procedido de *shows*, Beatriz Sarlo (1994) faz uma relação entre o amor pelo futebol e pelas estrelas *pop*, apontando o caráter supostamente democrático dessas paixões compartilhado por pessoas de todas as classes, mas evidenciando como essa máscara encobre as diferenças.

Se é verdade, como já foi dito, que se ama uma estrela *pop* com o mesmo amor com que se segue um time de futebol, o caráter transclasse desses afetos tranquiliza a consciência de seus portadores, embora eles mesmos, então, diferenciem cuidadosamente e com certo

⁸ Aretuza Lovi, que é *drag queen*, e Mulher Pepita, que é travesti, são duas cantoras com destaque nacional no circuito LGBTQIAP+.

prazer esnobe os negros dos loiros, segundo a lógica que também os classifica nas portas das discotecas. O impulso igualitário que às vezes se acredita encontrar na cultura dos jovens tem seus limites nos preconceitos sociais, raciais, sexuais e morais. (SARLO, 1994, p. 31, grifo nosso, tradução nossa)

Beatriz Sarlo (1994) acredita que, atualmente, as identidades se constroem no mercado, tornando-se inevitável que esse espaço passe a ser aquele no qual é exercida a cidadania. Isso, porém, limita a vida cidadã e as possibilidades de construções identitárias aos que têm condições financeiras de exercê-las no mercado, excluindo aqueles que não têm dinheiro para se tornarem consumidores.

Analisando os Gay Games, competições esportivas globais voltadas para o público *gay*, Wagner Camargo e Carmen Rial (2009) apontam uma inserção desses eventos na lógica capitalista, com a cobrança de taxas para participação. Os autores apontam que o público majoritário dos Gay Games é de “brancos, de classes média/alta, solteiros com alta escolaridade” (CAMARGO; RIAL, 2009, p. 89). Os autores explicam que esse público *gay* privilegiado configura o que tem sido chamado de “*pink market*”, ou mercado *gay*.

Direito à cidade

Apesar de desenvolver sua discussão sobre o direito à cidade a partir de uma ênfase nas questões de classe, Henry Lefebvre (2006) também aborda em seus argumentos assimetrias de outras naturezas no direito à vida urbana. O autor nos leva a pensar sobre como o acesso e o uso dos espaços, serviços e potencialidades da cidade é restrito a alguns e excluem muitos outros. Ele ressalta que o direito à cidade inclui não apenas as questões de subsistência básica, mas todos os âmbitos de necessidade humana, incluindo lazer e diversão. De forma pertinente ao nosso objeto de pesquisa, o autor fala sobre sexualidade e esporte nesse processo: “através dessas necessidades especificadas vive e sobrevive um desejo fundamental, do qual o jogo, a sexualidade, os atos corporais tais como o esporte, a atividade criadora, a arte e o conhecimento são manifestações” (LEFEBVRE, 2006, p. 104, grifo do autor).

A visão de Henry Lefebvre (2006) é utópica. Ele incita a discussão sobre algo que ainda não existe, sobre uma potência que, para ser concretizada, precisa que caminhos sejam inventados. Quem, para o autor, tem essa capacidade em potencial são os grupos oprimidos.

Apenas grupos, classes ou frações de classes sociais capazes de iniciativas revolucionárias podem se encarregar das, e levar até a sua plena realização, soluções para os problemas urbanos; com essas forças sociais e políticas, a cidade renovada se tornará a obra. Trata-se inicialmente de desfazer as estratégias e as ideologias dominantes na sociedade atual. (LEFEBVRE, 2006, p. 111)

No dia do evento de aniversário do Bhabixas, vários elementos apontam para uma apropriação específica, criativa e transformadora do Mineirão, que se destacava justamente pelo seu caráter de exceção, de fuga à regra. Foram colocados, na entrada do estádio, balões nas cores do arco-íris. Mais tarde, no período noturno, o estádio também foi iluminado com essas cores. Havia um palco voltado para a arquibancada, na lateral do campo, tocando músicas *pop* e *funk* durante o jogo comemorativo, com sucessos de Anitta, Pablo Vittar, Mc Loma, Lady Gaga, Beyoncé, etc. Boa parte dos que estavam presentes durante o jogo estavam envolvidos na torcida e gritavam contra e a favor dos lances. Um dos rapazes que estava próximo de mim disse para os colegas que estavam

torcendo: “Aproveita que é hora de vocês gritarem no Mineirão igual bicha!”. Algumas pessoas dançavam e cantavam as músicas que estavam tocando enquanto o jogo acontecia. Durante uma falta, com o jogo parado, o goleiro também começou a dançar. No intervalo do jogo, houve a apresentação de um grupo de *cheerleaders*. Alguns rapazes usavam uniformes que me lembraram o das Cheerios, da série Glee⁹. A própria presença de líderes de torcidas aponta um *mashup* de referências do futebol *gay* com a cultura *pop*. Circulava pela arquibancada uma *drag queen* que acompanha o Bharbixas em seus jogos. Um dos membros do ManoTauros que estava na plateia me disse que aquilo era mais do que futebol, que era uma questão social.

Alguns membros do ManoTauros que estavam perto de mim discutiam a respeito de um dos jogadores do Bharbixas, sobre ele estar usando ou não cueca. A maioria achava que não, mas um deles defendia que o jogador estava usando uma cueca pequena, “fio dental”, e tinha “a bunda grande mesmo”. O número de jogadores que aparentavam ter tipo físico malhado e corpo construído esteticamente em academia era expressivo (pareceu-me maior do que o habitual nos times profissionais). Muitos dos jogadores do Bharbixas usavam shorts curtos. Os rapazes próximos a mim comentavam sobre quais jogadores eram “gostosos”. Quando ocorreu uma falta, e um jogador ficou caído, alguém gritou: “Eu faço massagem!”. Essa relação entre sexualidade e esporte remonta às necessidades apontadas por Henry Lefebvre (2006), aqui se apresentando como uma dupla negação que ganha potência nesse momento e nesse espaço privilegiados do evento¹⁰.

O segundo tempo terminou empatado em 1 a 1, e houve prorrogação, com um gol a favor do Bharbixas desempatando o placar. Depois do jogo, a arquibancada foi aberta para que os torcedores descessem para o entorno do palco, onde o gramado era sintético. Ali havia também um local para compra de cervejas. O enquadramento do evento passou a ser de festa, *show* ou balada, e a maioria dançava e cantava as músicas que estavam tocando. Havia casais se beijando e andando de mãos dadas. Beatriz Sarlo (1994) acredita que as festas noturnas são uma forma de carnavalização da vida das juventudes urbanas. Nesse espaço, nas madrugadas, os jovens vestem-se para adentrar em um mundo de festa suspenso em relação à realidade cotidiana. Em relação ao nosso objeto, podemos pensar a festa como refúgio, escape, lugar protegido para poder vivenciar a sexualidade reprimida.

Conclusão

Quando os *shows* começaram, Ângelo não estava muito interessado nas músicas. Como ele havia deixado claro nas conversas que tivemos antes de ir para o Mineirão, aquele não fazia o perfil dele. Portanto, ele decidiu ir embora quando o primeiro *show* ao vivo, de um membro do bloco carnavalesco belorizontino Alô Abacaxi, estava começando. No momento em que deixávamos a lateral do campo, o cantor, que tem traços fenotípicos negros, entoava do palco: “As *gay*, as *bi*, as *trans*, as *sapatão*, tá tudo com as *preta* ocupando o Mineirão”. Também uma conhecida militante LGBTQIAP+ negra estava no palco no momento. O grito mostra que os próprios sujeitos ali presentes tinham consciência da relevância política e simbólica do que estava acontecendo. De fato, apesar da lógica mercadológica que tornou aquele momento acessível apenas a um grupo privilegiado, o evento foi um marco na aquisição de espaço de pessoas

⁹ Glee é uma série televisiva estadunidense que trata de *bullying* e autoaceitação na adolescência. Parte dos personagens pertence a um grupo de líderes de torcida, as Cheerios.

¹⁰ Apesar de que poderíamos discutir o quanto ela traz, nessa configuração, a cultura masculina do abuso também para contatos homoafetivos.

LGBTQIAP+ nesse esporte tão importante para o país. É interessante também observar que foi o próprio Mineirão quem se ofereceu para isso, como contou Ângelo.

A consciência da importância daquele movimento também se tornou clara quando conheci Malta, membro do BeesCats (Rio de Janeiro), e um dos idealizadores e coordenadores da LiGay. Conversando com Ângelo, ele disse que iria tentar realizar um evento como aquele no Maracanã ou no Engenhão, levando o aniversário do Bharbixas no Mineirão como *case* para apresentar a proposta. Ele disse que o governo Crivella dava apoio a seu time. Disse também que o evento daquele dia havia sido muito importante para a integração dos times do país, porque os “cabeças” dos times estavam lá e iriam repassar a experiência para os demais. Malta disse que o BeesCats iria para Paris, para o Gay Games, e que estava planejando uma competição entre uma seleção *gay* brasileira e uma argentina, chamada Taça Hermanito.

Em um momento de tantas incertezas em relação aos avanços políticos que têm sido alcançados depois de muita luta por parte das minorias no Brasil, o futebol *gay* tem se firmado no país e se mostrado uma fonte de luta. Para Wagner Camargo e Carmen Rial (2009) “o esporte é mais uma dentre as manifestações políticas da comunidade LGBT” (CAMARGO; RIAL, 2009, p. 81). Assim, fica evidente a importância simbólica do evento e percebe-se a potencialidade que o futebol *gay* tem para abrir novas possibilidades para a comunidade LGBTQIAP+ no país.

O evento em imagens

Nesta seção, trazemos os registros fotográficos realizados no evento, bem como divulgados posteriormente pelos times nas mídias sociais.



Figura 1: Entrada do Mineirão no dia do evento. **Fonte:** produzida pelo autor



Figura 2: Jogo acontecendo por trás do palco. **Fonte:** Produzida pelo autor



Figura 3: Torcida. **Fonte:** Produzida pelo autor



Figura 4: Marca do Bharbixas no Mineirão. **Fonte:** Produzida pelo autor



Figura 5: A torcida discutia sobre um dos jogadores está ou não usando cueca. **Fonte:** Produzida pelo autor



Figura 6: Um dos lances da partida. **Fonte:** Produzida pelo autor



Figura 7: Comemoração após o final do jogo. **Fonte:** Produzida pelo autor



Figura 8: Ativista LGBTQIAP+ negra de Belo Horizonte sobre o palco dos *shows* pós-evento. **Fonte:** Produzida pelo autor

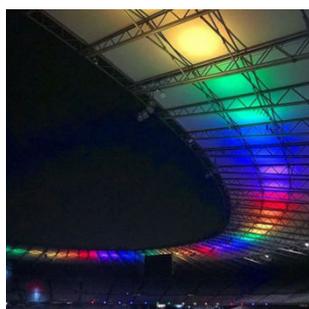


Figura 9: Mineirão iluminado com as cores da bandeira LGBTQ+. **Fonte:** Instagram/Ligay



Figura 10: Equipe do Bharbixas no Mineirão. **Fonte:** Facebook/Bharbixas

Referências

AMARAL, Flávio; BUENO, Victor Pimenta. 2018. Miatizando performances da representatividade: a abordagem do futebol gay pelo GloboEsporte.com. (pp. 253-266). In: **Anais do VII Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Cotidiano:** textos completos – GT2, 2018, Niterói: VII Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Cotidiano. Niterói: UFF.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. 2013. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. **Espaço Plural**, n. 29, pp. 246-270.

BENJAMIN, Walter. 1989. Sobre alguns temas em Baudelaire (pp. 103-149). In: **Charles Baudelaire:** um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense.

CAMARGO, Wagner Xavier de; RIAL, Carmen Silvia de Moraes. 2009. Etnografia em competições mundiais esportivas gays no contexto pós-moderno (pp. 79-97). In: **Anais**

do Seminário Internacional de Sociologia & Política. Curitiba. Seminário Internacional de Sociologia & Política, v. 1. Curitiba: UFPR.

LEFEBVRE, Henry. 2006. O direito à idade (pp. 103-117). In: **O direito à cidade**. 4ª edição, São Paulo: Centauro.

MARCUS, George 2001. Etnografía en/del sistema mundo. El surgimiento de la etnografía multilocal. **Alteridades**, v. 11, n. 22, pp. 111-127.

SARLO, Beatriz. Abundancia y pobreza (pp. 12-38). In: **Escenas de la vida posmoderna: intelectuales, arte y videocultura en la Argentina**. Buenos Aires: Ariel, 1994. Edição digital: e-Pub base r1.2, Editor digital: Titivillus.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito (1903) 2005. **Mana**, v. 11, n. 2, pp. 577-591.

Recebido: 28.10.2020

Aceito: 30.11.2020